

'Departamento da propina' da Odebrecht movimentou US\$ 3,3 bi entre 2006 e 2014

Escrito por Indicado en la materia

Jueves, 09 de Marzo de 2017 11:30 - Actualizado Martes, 14 de Marzo de 2017 11:24

O ex-executivo da Odebrecht Hilberto Mascarenhas afirmou em depoimento ao ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) Herman Benjamin que o Departamento de Obras Estruturadas da empreiteira, conhecido como “departamento da propina”, movimentou cerca de U\$ 3,39 bilhões em pagamentos ilícitos entre 2006 e 2014.



O depoimento, prestado nesta segunda-feira, 6, na sede do TSE, ocorreu no âmbito da ação que investiga abuso de poder político e econômico na campanha presidencial de 2014 e pode gerar a cassação da chapa Dilma Rousseff-Michel Temer.

O departamento da Odebrecht chamado por Hilberto Filho de “trepa moloque”, uma referência ao fato de que, por ele, só passava recursos ilegais, era responsável não apenas por repasses de recursos ilícitos para campanhas eleitorais como pagamentos de resgates de funcionários da empreiteira sequestrados em países atingidos por conflitos armados ou grande violência

'Departamento da propina' da Odebrecht movimentou US\$ 3,3 bi entre 2006 e 2014

Escrito por Indicado en la materia

Jueves, 09 de Marzo de 2017 11:30 - Actualizado Martes, 14 de Marzo de 2017 11:24

urbana. Do total de recursos ilegais, entre 15% e 20% foram destinados para financiar campanhas eleitorais no Brasil via caixa 2. O restante era usado para pagamento de propina, obras e despesas no exterior.

No depoimento, o ex-executivo detalhou os pagamentos com recursos ilegais da empresa. Na planilha apresentada, segundo relatos, constava as seguintes quantias: em 2006 - U\$ 60 milhões; 2007 – U\$ 80 milhões; 2008 – U\$ 120 milhões; 2009 – U\$ 260 milhões; 2010 – U\$ 420 milhões; 2011 – U\$ 520 milhões; 2012 – U\$ 730 milhões; 2013 – U\$ 750 milhões e 2014 – U\$ 450 milhões.

Os pagamentos eram feitos em hotéis onde ficavam hospedados os intermediários.

Segundo Hilberto, com a avanço das investigações da Operação Lava Jato, o setor de propina teve que migrar para a República Dominicana. A cota em que era armazenado os recursos ficaria fora do País e quando era necessário fazer algum pagamento, sempre era em espécie. De acordo com ele, em razão de as regras serem mais rígidas nos Estados Unidos, as transações em solo norte-americano eram evitadas.

Ao falar sobre a operacionalização do setor, Hilberto detalhou as tratativas realizadas com o maqueteiro de campanha presidencial do PT em 2014, João Santana, e com sua mulher Mônica Moura. Segundo ele, Mônica só aparecia em períodos próximos às eleições. Ela estaria entre os cinco maiores recebedores de pagamentos do setor. Segundo ele, apenas em 2014 pagou U\$ 16 milhões para João Santana.

O ex-executivo não soube detalhar, contudo, as datas dos pagamentos ao casal, mas afirmou que têm um servidor na Suíça em que estão listados todos os repasses. Do total, 60% dos recursos teriam sido passados no Brasil e o restante no exterior. Todos os pagamentos feitos eram em real, mas calculados com base no dólar, que era o valor acertado.

No depoimento, Hilberto disse ainda que sabia que o pagamento para João Santana era feito em razão de ele estar fazendo a campanha “dela”. Questionado na audiência quem era “ela”, o ex-executivo respondeu que “com certeza era a presidente Dilma Rousseff” porque todo mundo sabia para quem João Santana estava trabalhando.

Hilberto também lembrou que a relação com Santana não se restringiu à campanha no Brasil. Questionado pelo advogado da chapa de Dilma, respondeu que pagou ao marqueteiro e a Mônica Moura pelas campanhas de El Salvador, Angola, Venezuela, Republica Dominicana e Panamá.

Planilhas – O ex-executivo também disse que a relação com integrantes do primeiro escalão do governo era feita por Marcelo Odebrecht, ex-presidente da empresa que leva o seu nome. Ao dar mais detalhes sobre as planilhas de repasses de recursos para o PT, Hilberto afirmou que a que levava o nome Italiano era uma referencia ao ex-ministro da Casa Civil Antônio Palocci e que o Pós-Itália, era uma menção ao ex-ministro da Fazenda Guido Mantega. Segundo ele, a conta-corrente “italiano” continham pagamentos realizados mesmo após a saída de Palocci das negociações e do governo. A alegação apresentada por Hilberto foi a de que uma vez que a conta foi criada pelo ex-ministro, ele poderia movimentar os valores até ele se esgotarem.

PMDB. No depoimento, Hilberto afirmou que na negociação em torno do PMDB não surgiu o nome do presidente Michel Temer, mas que sabia das tratativas de Marcelo Odebrecht em relação aos repasses de R\$ 6 milhões, em caixa 2, para a campanha de Paulo Skaf para o governo de São Paulo, em 2014. A informação do desembolso ao peemedebista chegou a ele por meio do marqueteiro da campanha de Skaf, Duda Mendonça, que teria ligado para combinar o pagamento. Marcelo Odebrecht também teria falado sobre a doação com Hilberto.

A defesa do publicitário informou que não se manifestaria sobre o depoimento.

No início de fevereiro, o juiz federal Sérgio Moro condenou João Santana e Mônica Moura pelos crimes de lavagem de dinheiro no esquema de corrupção na Petrobrás alvo da Operação Lava Jato. À época, a defesa do publicitário informou que iria recorrer ao Tribunal Regional Federal da 4.^a Região.

OESTADAO